

Igreja na política: ataques e defesas.

O ex-padre Emir Calluf, de Curitiba, manifestou ontem a medida de sua indignação ao saber da participação da ala progressista da Igreja na campanha de Luís Inácio Lula da Silva, do PT. "Eles perderam completamente a cabeça e a fé nos valores religiosos", analisou ele. Atribuir a passagem de Lula para o segundo turno à atuação da Igreja, no entanto, é um "reduccionismo", na opinião da antropóloga Sandra Stoll, autora de "Púlpito e Palanque", uma tese de mestrado sobre a participação da Igreja Pentecostal na política. Ela classifica como um "fato normal" a Igreja se manifestar politicamente — como acontece desde o período medieval. "Só que hoje, ao contrário do passado, a Igreja não está mais preocupada em garantir privilégios no governo, mas com o bem comum, e mostrar que ele faz parte do reino de Deus, que começa aqui na terra mesmo."

Calluf discorda. Também autor de vários livros sobre o assunto — como "A Esquerdização do Clero" —, ele critica a atuação de padres, bispos e freiras em favor de Lula. "Eles usam a política como se ela fosse a mensagem de Cristo", critica ele. Segundo o professor Lafayette Neves, da Universidade Federal do Paraná, não houve um engajamento ostensivo de membros da Igreja na campanha de Lula, embora reconheça que o PT contenha um grande contingente de militantes cristãos. Tal análise, contudo, contrasta com exemplo do município paranaense de São João do Triunfo, citado por Neves. Ali, diz ele, dos 6.200 eleitores, 49,5% votaram em Lula, graças ao empenho do pároco da cidade.

"Ver a Igreja como um partido é uma visão caolha e apaixonada da realidade", ataca o arcebispo metropolitano de Campinas, dom Gilberto Pereira Lopes, da ala moderada da CNBB. "É importante dizer que as posições de qualquer bispo em relação a este ou aquele candidato são individuais e não em nome da Igreja." O presidente do PT de Campinas, Gerardo Mendes de Melo, é da mesma opinião: "Como qualquer cidadão, a Igreja não pode ficar neutra neste momento importante para o País". E Gerardo vai além: a própria CNBB deverá tomar a decisão de quem apoiar no segundo turno. E, quanto às comunidades de base, ele acredita que deverão mesmo ficar com Lula, "que, como elas, tem a opção preferencial pelos pobres".

Para o vereador Hélio Consolaro, do PT de Araçatuba, a influência da Igreja nos fiéis em relação à política é insignificante — "em alguns lugares, ao invés de ajudar acaba atrapalhando". Ele calcula que menos de um terço dos leigos e padres de toda a diocese são progressistas e optaram por Lula. Um dos motivos, na opinião de Consolaro, é a resistência dos católicos em admitir a discussão política: "O movimento leigo caminha para ter vida própria. Há uma corrente que defende a instituição de um órgão representativo dos leigos, tornando a CNBB um órgão puramente religioso".